

Toyo, o Menino Invisível

Ficha Técnica

Direitos Autorais

© **Toyo, o Menino Invisível**, Socorro Barbosa

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Editora A União – Superintendência de Imprensa e Editora

Design Gráfico

Naudimilson Ricarte dos Santos

Ilustração

Antonio Gonçalves de Sá (Tônio)

Revisão Linguística

A autora

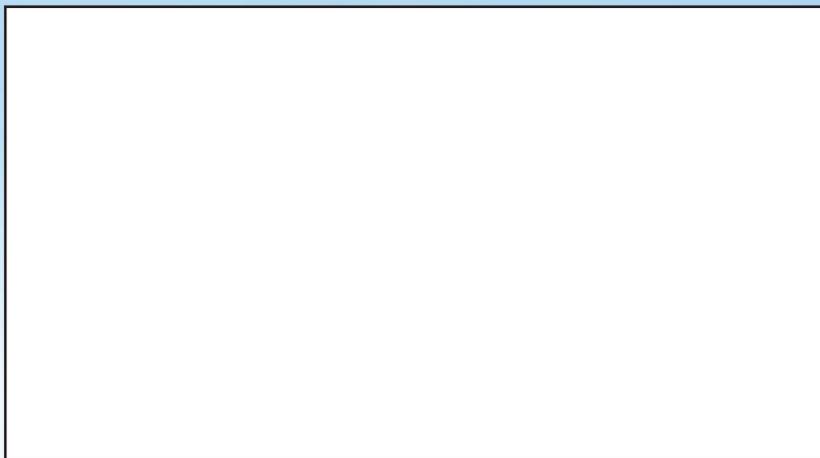
Supervisão de Editoração

Prof. Francelino Soares

Supervisão Gráfica

José Jacinto Júnior

FICHA CATALOGRÁFICA



Socorro Barbosa

Toyo, o Menino Invisível



João Pessoa, PB
2017





*Para voar,
pássaros têm asas,
crianças e jovens
precisam de livros.*

SB



Sumário

PALAVRA DA AUTORA,	07
O QUE SE OFERTA ÀS CRIANÇAS...,	09
PREFÁCIO,	11
A CASA DE TOM,	15
O BOSQUE E TOM: SAUDADES DO VOVÔ,	21
TOYO,	23
A AVÓ DE TOM,	29
DONA LIA, A MÃE DE TOM,	33
A PROFESSORA DE TOM,	37
LEMBRANÇAS,	41
MISTÉRIO?,	44
A SOBREMESA DO JANTAR,	50
E ASSIM ACONTECEU,	54
FINAL FELIZ,	58
PERFIL BIBLIOGRÁFICO DA AUTORA,	61



Palavra da Autora

“Quem se habilita a ofertar à criança uma página, um verso, um dizer – que o faça com a unção de quem deposita flores no altar de uma alma...”
(Cecília Meireles: Espírito)

Foi sob esta inspiração que **Toyo, o Menino Invisível** surgiu suavemente, em nosso pensamento ,numa madrugada preciosa. De imediato, foi acolhido por nosso coração.

Desde que ingressamos na Doutrina Espírita, mergulhando intensamente nos estudos oferecidos pelo Departamento de Estudos Sistematizados/DES - com que tanto nos identificamos - que a inspiração para continuar a escrever para crianças e jovens não mais nos visitara. Da fase anterior, entre outros, publicados, temos um romance para adolescentes, **Um longo caminho** que, pacientemente, espera ser apresentado ao público.

Um pouco antes de conhecer Toyo, trabalhando também no Departamento de Atendimento Mediúnico - DAM, numa dessas reuniões domingueiras, preparatórias que antecedem nossas tarefas, aconselhamo-nos com Glória Rocha, nossa Glorinha:

- Amiga, há alguém que não consigo, ainda,

identificar, constantemente comigo. Disse-me seu nome: É Lia.

- Observe se é do bem, disse-nos Glória, cautelosa e sensatamente; talvez queira algo, uma oração... Observe.

Hoje, toda nossa gratidão vai, sobretudo, para este Espírito Protetor (Lia/Cecília?), que apoiando nosso propósito de servir a Jesus através do que nos é possível fazer, conduziu-nos claramente pelos caminhos que deveríamos percorrer: conhecer Tônio, o ilustrador, por indicação da querida colega dos tempos da UFPB/DLCV, Neide Medeiros dos Santos; ouvir opiniões de amigos-colegas, tais como João Alves e sua mãe Guia Canuto, Hanaildes Simões, Lúcia Solto, Rebecca, Dalila Cartaxo, (para quem endereçamos cachos de rosas vermelhas do telhado do chalé da casa da família de Tom), entre outros registrando, neste momento, nossos sentimentos, também, de gratidão pelo decisivo apoio recebido.

E agora, jovens leitores, apresentamo-vos (como falam os portugueses) Toyo, o menino que veio de muito longe, da Noruega, e que, invisivelmente para muitos, não para Tom, propunha-lhe brincadeiras interessantes.

Você, leitor, já teve, também, um amigo invisível?

A autora

O que se oferta às crianças ...

Cecilia Meireles (Espírito)*

Quem se habilita a ofertar à criança uma página, um verso, um dizer - que o faça com a unção de quem deposita flores no altar de uma alma...

É preciso doar à criança o que de melhor nos escorrer do espírito, em estado de graça e simplicidade! Algo que possa servir para a vida toda e até mais além, eternidade afora...

[...] A palavra semeada numa alma de criança pode frutificar amanhã radiosos, mas também pode se tornar um espinho indesejável, de que muitas vezes ela não conseguirá se livrar. Nunca serão excessivos os cuidados que tomarmos com o alimento de arte que possamos lhes oferecer.

Quando escritores se debruçarem sobre a página em branco, para respingar ideias e metáforas para as crianças, que se elevem para o infinito, pois é de infinito

que devemos fecundar o futuro. Quando pais e mestres buscarem as páginas já escritas, que escolham as que mais possam refletir ideias transcendentais e não as que se arrastam na miséria apenas do cotidiano.

[...] Há tantas fontes de inspiração inexploradas, que quase me sinto tentada a repetir meu ofício na próxima vida terrestre, e quiçá alcançar maior elevação do que me foi dado realizar, para escrever novamente a esses seres que adoro. Esses seres que, enquanto crianças, manifestam o que de melhor há na humanidade para ser amado.

Enquanto isso, vou inspirando aqui e ali, anônima ou explicitamente, aqueles que se afinam com esses propósitos, mas esperando sempre que os adultos finalmente se convençam dos cuidados extremos que devem tomar no cultivo da alma infantil.

Cecilia Meirelles
31/7/92

*(Fragmentos do texto psicografado por Dora Incontri in **A Educação Segundo o Espiritismo**. Editora Comenius, dezembro de 2012 p.245, 246)

Prefácio

*Marco Lima**

É, sem dúvida, emocionante prefaciando um livro como este da escritora Socorro Gomes Barbosa - *TOYO, o Menino Invisível* - por vários motivos: Primeiramente, pela singularidade da temática abordada: a mediunidade nas crianças, assunto tratado com maturidade em o **Livro dos Médiuns**, segunda obra da Codificação Kardequiana, no Capítulo XVIII, item 6, mostrando que existem crianças médiuns, cuja faculdade, quando se manifesta espontaneamente, revela(...) “**que está na sua natureza e porque sua constituição se presta a isso**”.

No enredo da história, a personagem Tom, uma criança médium cuja faculdade desabrochou desde tenra idade vem nos mostrar sua amizade com o amigo invisível Toyo, um Espírito que se apresenta como uma criança.

Neste conto, constata-se a construção da amizade entre ambos e a relação com a vida passada, influenciando o presente e o futuro da família.

Além de Toyo, outras personagens são marcantes na vida de Tom: seus avós, sua mãe Lia, seu Pai e a sua professora. No final do livro, é desvelado um mistério familiar surpreendente!

Outra consideração importante a fazer é sobre a nossa querida escritora Socorro Gomes Barbosa, uma assídua trabalhadora da Federação Espírita Paraibana e estudiosa da Doutrina Espírita. Ela evoca o cuidado com a literatura infantil, trazendo um pensamento da conceituadíssima escritora Cecília Meireles (Espírito). “É preciso doar à criança o que de melhor nos escorrer do espírito, em estado de graça e simplicidade! Algo que possa servir para a vida toda e até mais além, eternidade afora.”

Portanto, este Livro é um presente às crianças e aos pais, pois aponta Caminhos de Luz, sob as diretrizes da Evangelização Espírita Infantojuvenil que, de fato, favorecem o desenvolvimento espiritual para *“a vida toda e até mais além, eternidade afora”*.

*Arte-Educador
Atual presidente da Federação Espírita Paraibana

Toyo, o Menino Invisível



I

A CASA DE TOM

A casa onde Tom mora com os pais é muito confortável, bonita, mas bem simples. Observem.

Na frente, há um jardim sempre florido: ora com flores do inverno, ora com flores próprias das três outras estações do ano.

A mãe de Tom repete com frequência que a floração da primavera é, para ela, a mais bonita; explica que flores brancas são as primeiras que se apresentam.

Na lateral da casa, há uma roseira da idade de Tom. Sua avó a plantou quando veio, por ocasião de seu nascimento, para ajudar nas tarefas domésticas e nos cuidados

permanentes que devemos ter com crianças, principalmente, os bebês recém-nascidos.

Ela confessava sempre que Tom plantou também no seu coração o doce sentimento de avó. Verdade: percebia-se a paciência, carinho e dedicação na relação com o neto. Havia em ambos uma sintonia que encantava a quem a percebesse.

A roseira, ao longo de dez anos, subiu tanto que alcançou o telhado do chalé da família, ornamentando-o, com seus cachos de flores vermelhas de forma bem particular. Da sala, seu característico e agradável aroma é sentido, também, por todos que ali adentram para saudar a professora Lia, mãe de Tom.

Saindo pela porta da cozinha, poucos passos conduzem ao quintal; ali, há um pomar com diversas fruteiras da região. O pai de Tom, entre uma viagem e outra, gosta de trabalhar

um pouco nesse espaço; poda algumas árvores; colhe sua fruta preferida e ali mesmo, do jeito mais simples e direto possível, inicia a degustação, jogando as cascas e o caroço da fruta para a área dos animais. E diverte-se, ouvindo a algazarra na disputa pela comida...

O pomar é delimitado nas laterais por uma cerca viva de *bougainvilles* coloridos. Num dos lados, um gracioso portãozinho de madeira dá acesso ao pequeno bosque sempre em festa.

Sempre em festa?

Sim! A orquestração harmoniosa apresentada pelos pássaros, sobretudo no verão, deixava o avô maravilhado.

Quando ele vinha visitá-los, ambos acordavam bem cedo e ficavam lá, caminhando sobre as folhagens úmidas do orvalho, apreciando esse poético instante de amor

e gratidão à vida, oferecido a quem tivesse *ouvidos para ouvir e olhos para ver*.

Mas agora ele já não está mais neste mundo. E na orquestra, Tom sentia que o ritmo desafinava. Era seu pensamento marcando o compasso com notas da saudosa ausência de seu inesquecível vô.

Passeando o olhar por esse recanto que tanto ama, Tom lembrou-se de que, certa vez, durante uma visita prolongada, o avô escolheu uma árvore firme e forte e, com o apoio dela, construiu um balanço maravilhoso, construindo ainda uma mesinha rústica com dois banquinhos.

É nela que ainda faz suas tarefas escolares.

Depois da escola, quando chega a casa, não faz nada antes de brincar um pouco no balanço.

Sentado com as pernas estiradas ou de pé, segurando firme nas cordas laterais, impulsiona-o forte: pra lá e pra cá, pra lá e pra cá... O mundo se afastando dele e depois voltando, indo e voltando... Uma maravilha!





II

O BOSQUE E TOM: SAUDADES DO VOVÔ

Houve um tempo difícil. Tom não brincava mais no bosque. Para ele, tinha perdido a graça.

Ele só chorava, pois sentia muitas saudades do vovô.

Fazia pouco tempo que ele tinha voltado à Pátria Espiritual, tal como seu pai lhe dizia.

Quando a saudade estava insuportável, ele desabafava, dedicando ao avô carinhosos poemas no caderno de redações. Nessas horas, dirigia-se à mesinha do bosque.

Lá, buscava inspiração para as rimas, especialmente para a palavra vovô. Vagueava

o olhar pelas frondosas árvores. Quando o vento soprava, ouvia sons de gemidos vindos de dentro do bosque. E pensava: *o bosque está também com saudades de você, vovô*. E nessa busca de rima perfeita, de som tão semelhante que parecesse o eco da palavra vovô, sua dor esmaecia. Até encontrou rimas. A sonorização era boa, servia. Mas o significado não evocava o sentimento amoroso que experimentou na convivência com o pai de sua mãe. Então, não encontrando, infelizmente, o que desejava e a inspiração momentânea se evaporando, desistiu da poesia e fechou o caderno.

III

TOYO

Fechou também os olhos e respirou profunda e suavemente. Quando os abriu, eis o que vê: Toyo, vestido com seus trajes típicos habituais, está ali, na sua frente, sentado no outro banquinho:

- Bom dia, amigo Tom!

- Olá, amigo Toyo, bom dia! Desta vez, você chegou bem mais silencioso...

- Verdade, meu amigo. Seus pensamentos eram tão bonitos!...

- Meus pensamentos?! Você leu meus pensamentos? Ah! Entendi: pela minha fisionomia, pela respiração suave, por



meu olhar passeando apenas pela floresta, buscando rimas para meu poema..., você me entendeu. Você me entende sempre! Que bom que você veio! Hoje é um dia em que me sinto muito triste, muito triste mesmo, meu amigo!

- Você quer brincar de quê, Tom?

A presença de Toyo era importante, principalmente naquele momento. Era como se uma luminosidade o envolvesse, renovando-lhe a força da vontade de brincar.

E os dois caminharam em direção ao pomar.

Continuam a caminhada até o cercado onde ficam os animais. Param e observam, por instantes, a movimentação ali: galos e galinhas dialogam alegremente; alguns patinhos acompanham os pais e jogam-se no pequeno lago, iniciando, com os pés, graciosa dança.

Os cágados caminham sem parar, beirando a cerca, lentamente, como se procurassem algo. Uma possível saída?

Tom e Toyo estavam nessa contemplação, quando um belo cavalo os vê e, relinchando forte, vem na direção deles. Tom fica muito assustado; esse cavalo era sempre tão amigável! Olha para Toyo e tem a impressão de que o amigo ia fazer algum comentário. Mas, não. Ele, simplesmente diz:

- Calma, Tom, isso não é nada. Ele assustou-se com nossa presença.

Juntos saíram dali. Eles sempre inventavam brincadeiras, algumas imprevisíveis. Uma vez, brincaram de se esconder, e Tom não achou Toyo. Por uma semana! Agora, Tom estava, de fato, sem graça, embora percebesse a intenção de Toyo de distraí-lo, de consolá-lo.





IV

A AVÓ DE TOM

A avó de Tom também tinha um jeito especial de consolar o neto. Certa vez, durante essa fase de intensa saudade do avô, ela lhe disse:

- Tom, meu anjo, vá brincar no seu balanço; seu avô vai ficar feliz, vendo-o feliz também.

Tom, curioso e sem entender ao que a avó se referia, perguntou-lhe:

- Ele vai ficar feliz, **vendo-me** feliz? Como ele me vê, vovó?

- Ah, Tom. Coisas de Deus. Nosso Espírito não morre.

- Então somos eternos como Deus?

- Não, querido menino-neto. Eterno só Deus. Nós todos somos Seus filhos; fomos criados por Ele, somos imortais. Viveremos para sempre em Espírito, querido da vovó. Seu avô agora tem uma vida espiritual.

- Então é por isso que ele nos vê porque tem uma vida espiritual? Mas eu nunca o vi! Alguém no mundo consegue ver Espírito, vovó?

- Sim. Isso é possível! E Toyo? Você se lembra dele, menino lindo do meu coração? Quando você era pequeno, com quatro anos mais ou menos, havia um amigo que vinha brincar com você, no bosque ou no pomar. Subia nas árvores, corria.... Você me contava tudo, contava até que gostava muito da companhia dele. Quando eu o chamava para as refeições, você dizia: *Venha aqui, vovó, venha*



mesmo. Venha, agora. Você sempre diz “Já vou, já vou.... mas não vem”. Estou brincando com meu amigo Toyo. Mas, na realidade, meu lindo, eu nunca vi Toyo!

- Lembro dele. Era um amigo de verdade, vovó. Não era um Espírito. Era Toyo. Na última vez que brinquei com ele, explicou-me que já morou longe de nosso país. Explicou-me assim: *Se você olhar no mapa, Tom, na parte de cima, não na parte do Brasil, mas do lado da Europa, você vai encontrar a Noruega. Já morei lá várias vezes.* Toyo não é um Espírito, vovó. É uma pessoa. É meu amigo.

- Entendo, meu bem. Mas por que ele não vem mais brincar com você?

- É. Faz tempo que ele não vem!

- Você me mostrou Toyo tantas vezes, mas eu não conseguia vê-lo! Mas acredito em você. Você o via, tenho certeza.

V

DONA LIA, A MÃE DE TOM

- Mamãe também não o via, por isto nem acredita até hoje que eu brincava com Toyo. Sabe, vovó, minha mãe dizia sempre que ele era inventado por minha imaginação, ou um sonho que eu confundia com a realidade. Eu não gosto de falar sobre meu amigo Toyo com mamãe. Ela fica tão nervosa! Diz que vai me levar a um psicólogo. Sabe, vovó, queria tanto conversar estes assuntos com minha mãe! Sendo professora, penso que gostaria de saber a história que eu, agora, vou lhe contar...

- Tom, você vai me contar uma história? De Toyo?

- Sim; não; mais ou menos. Certa vez



perguntei a meu amigo Toyo por que seu nome não era Tonho em vez de Toyo, pois são nomes parecidos. Expliquei a meu amigo que o nome “Toyo” me lembrava o que Joquinha me disse: *Sapo tem zoio grande*. Meu amigo, silenciosamente, como se o nome Tonho lhe trouxesse lembranças antigas, limpou com o pé uma parte do chão do bosque e escreveu com o dedo indicador as letras T O Y O. Disse que este é um nome comum onde ele morou algumas vezes. Escreveu também outros nomes de amigos desse lugar: Troll, Thor; disse ainda que já morou outras vezes em nosso país. Já te contei, vovó, que fiz como tarefas de casa para a escola historinhas com esses nomes? Na primeira historinha que escrevi, coloquei os dois amigos do meu amigo dentro da floresta amazônica.



VI

A PROFESSORA DE TOM

- Meu lindo! Que ideia boa você teve! Qual o título dessa historinha que você escreveu, utilizando estes nomes para suas personagens?

- *Os meninos que vieram de longe.* A professora disse na classe, quando devolveu aos colegas as redações corrigidas (A minha? Não devolveu!), que foi a melhor redação que eu já fiz. Disse, chamando bem a atenção da turma, que escreveu “excelente” ao lado da nota. Naquele dia, na pausa para o lanche, dirigiu-se a mim e perguntou:

- Tom, de onde vieram estes meninos perdidos na floresta amazônica de sua história?

Tom, nesse momento, olhando para a avó, viu curiosidade manifestada em sua fisionomia: as três linhas horizontais da testa se juntando graciosamente. Ele amava até as marcas do tempo de sua querida vó.

E ela, impaciente, quis saber:

- E você, querido Tom, o que respondeu a sua professora?

- Eu disse a verdade: que eles vieram da Noruega. Mas senti que ela também não sabia onde fica esse país, por isso fui logo explicando o roteiro que Toyo me ensinou: no mapa da Europa, olhe para cima. E vi que as sobrelhas de minha professora subiam e desciam. Ela então, devolveu meu trabalho escolar e, dizendo-me *até já*, saiu para o lanche.

- Tom, meu lindo: quando seu amigo se despediu de você, falou se voltaria para a Noruega?

- Não, vovó, disse apenas que um dia me visitaria, e que todos da família teriam uma boa surpresa.



VII

LEMBRANÇAS

Tom soube que sua avó chegaria em poucos dias. Percebeu que sua mãe não andava se sentindo muito bem. Apesar disso, estava contente com a notícia; quando sua avó estava por perto, tudo ficava mais fácil. Nesse instante, sua memória trouxe, bem nítida, a cena do que aconteceu numa noite, quando sua avó veio visitá-los.

Era sábado. A mãe, aproveitando a presença do marido em casa, fez para sobremesa do jantar, um bolo de chocolate com ameixa, o preferido do pai e do filho.

Nessas ocasiões, o pai era o primeiro a sentar-se à mesa. Nem esperava a tradicional

senha familiar: *O jantar está pronto!* E começava a contar as aventuras da estrada... Tom amava as narrações do pai. Às vezes, pensava até em ser, também, motorista de caminhão.

Jantaram e, em seguida, recolheram a louça suja da mesa, mas permaneceram ali, sentados.

Dona Lia foi a primeira a falar.

Ela repetia conselhos, olhando insistentemente para o filho, ao mesmo tempo em que ajeitava o laço que prendia os longos cabelos. Passando as duas mãos na testa, como se quisesse limpar as preocupações, disse:

- Tom, meu filho, por favor: pare com essa história de dizer que brinca com um amigo que só você vê. Isso me deixa preocupada e triste.... Perguntei à mamãe se ela já viu esse seu amigo. Ela fica sempre calada, não confirma e me deixa falando sozinha...

A avó, vendo a aflição da filha, procurava acalmá-la, dizendo que isso era coisa de criança; que não se preocupasse tanto. Com o tempo, aquilo passaria. A mãe de Tom argumentava:

- Mamãe, você sempre me diz isto. Já faz quantos anos que é essa mesma história? Eu não aguento mais...

VIII

MISTÉRIO?

As duas falavam tanto que nem percebiam que o pai apenas olhava atentamente para o filho.

Num dado momento, quando elas silenciaram um pouco, ele dirigiu-se a Tom:

- Meu filho, agora é o momento de você nos contar a verdade sobre seu amigo Toyo. Combinado?

Tom, olhando sério para o pai com quem nunca tinha falado sobre este assunto, balançou a cabeça afirmativamente e começou a falar das brincadeiras de correr, subir nas árvores, do balanço, com a participação do

amigo. Explicou sobre os nomes Toyo, Troll e Thor.

Contou que, antes de aprender a dar impulso para se balançar, era Toyo quem o balançava, mas ele não vinha todos os dias. Cada vez mais, estava mais ausente, até que um dia se despediu... Tom lembrou-se de contar ainda a cena que viram no cercado dos animais, quando o cavalo de estimação aproximou-se deles, como se estivesse assustado...

E Tom continuava descrevendo o amigo com detalhes. Disse que Toyo estava sempre com a mesma roupa, de chapéu e, no pescoço, sempre usava um lenço branco, dobrado em forma de triângulo com desenhos de cavalinhos; em cada ponta da frente do lenço, havia uma pequena argola presa por pequenos nós: uma dourada e outra prateada.

A avó, que ouvia tudo atenciosamente e espantada diante das lembranças dos objetos descritos, de repente, não se controlou e disparou no choro.

A filha, sem nada entender, tentava acalmá-la, oferecendo-lhe um copo d'água. A avó lhe agradeceu, respirou fundo e com a voz trêmula, explicou:

- Naquela época, dois anos depois de nosso casamento, nasceu Tonho. Crescia saudável e, como o pai, era apaixonado por cavalos. Os dois estavam sempre juntos nos rodeios da região. Tornou-se mascote da equipe e, por isso, ganhou do pai um chapéu. O lenço branco de seda com desenhos de cavalos foi presente da madrinha num dia do seu aniversário. Esclareceu que ela mesma, a mãe de Tonho, havia colocado as duas pequenas argolas nas pontas do lenço. Tonho ficou



bonito e feliz assim paramentado. Foi feita uma foto dos dois, do pai e do filho, prontos para o rodeio. Um parecia miniatura do outro, diziam os amigos do casal, diante da foto na parede da sala.

Dona Lia se lembrava dessa foto na moldura de madeira, decorando a parede da sala da casa de seus pais.

Surpresa com o que acabara de escutar, exclamou:

- Mamãe! Você nunca falou sobre esta foto! Por que isso agora?

-Ah! Minha filha, isso não tinha importância nenhuma. Mas agora!...

-Mamãe, eu me lembro do dia do acidente! A casa ficou cheia de gente. Foi um dia de grande tristeza. Papai se culpando, o padre tentando consolá-lo, dizendo-lhe que Deus o havia levado, mas isto não consolava meu pai! Todas

as pessoas presentes ficaram mudas, sentindo o grande sofrimento dele. Pensávamos que ele ia enlouquecer, pois repetia, em sua dor, a mesma história: que Tonho sonhava em montar seu cavalo, comandar o animal, correr, era seu sonho, correr, correr, ir em frente; ele foi e não voltou mais; caíra bruscamente quando acelerou o trote; o pé soltou-se do estribo e, de cabeça para baixo, o animal assustado o puxou por muitos metros...

Dona Lia parecia ver a cena, tal a emoção que a invadiu, embora fosse bem pequena na época.

De fato, nada puderam fazer. Fora uma tragédia que o povo da região também não conseguia esquecer.

E agora, depois de ouvirem o relato de Tom, de Dona Lia e de sua mãe, olhavam para o menino sem terem o que dizer. O pai, no entanto, com o semblante tranquilo, parecia entender tudo.

IX

A SOBREMESA DO JANTAR

Para quebrar o clima de tristeza e de surpresas que envolvia todos, Dona Lia e sua mãe serviram suco e bolo, carinhosamente preparados para todos.

Nesse momento de sobremesa, o pai de Tom contou que já sabia sobre a mediunidade do filho, pois sua mulher estava sempre falando sobre esse menino invisível que vinha brincar com Tom; ela desejava levá-lo para uma consulta com um especialista e pedia seu apoio.

O pai suspirou, olhou para a esposa como se pedisse desculpas antecipadas e, após pequena pausa, contou que o avô de Tom, seu pai, era espírita e, com ele, ia ao Centro Espírita

com frequência. Lá, seu pai era o dirigente nas reuniões mediúnicas. Informou que aprendia muito quando conversavam sobre o **Livro dos Médiuns**, sobretudo o assunto Mediunidade nas crianças. Falou também de seu interesse pelas palestras públicas.

Lamentou o fato de, por causa de seu trabalho de motorista de caminhão que o obrigava a passar dias fora de casa, às vezes, até semanas, e também o falecimento do pai, ter sido obrigado a afastar-se dessas atividades.

Quando conheceu sua futura esposa, omitira essas informações por saber que o assunto não lhe agradava, pois ela rejeitava o assunto, radicalmente, conforme orientação de sua igreja.

O pai de Tom, com voz tranquila e segura, explicou que o que vinha acontecendo com o

menino, portanto, não o surpreendia; que isso era normal, não era um problema, mas algo que poderia acontecer com qualquer pessoa, embora fosse preciso estudo sério para entender o fenômeno. Aconselhou a família (esposa e sogra) a acompanharem Tom à Instituição Espírita mais próxima.



X

E ASSIM ACONTECEU

Chegando lá, a mãe de Tom compreendeu e, sobretudo, comprovou que aquela casa era um templo de oração e de caridade; que as coisas acontecem bem diferentes do que lhe informaram.

Para sua surpresa, Dona Lia viu que as atividades eram sempre iniciadas louvando a Deus e a Jesus. Isso a deixava inicialmente reflexiva e, depois, tranquila e bem confiante.

Fazia dezoito meses que frequentavam essa instituição espírita. Participavam de sessões de passes, de palestras públicas, de atividades artísticas e do estudo do *Evangelho Segundo o Espiritismo*.

A mãe de Tonho era assídua aos estudos da mediunidade infantojuvenil. Aprendeu a fazer o Evangelho no Lar. O marido, nessas ocasiões, quando se fazia presente, a olhava com mais carinho e admiração.

No Centro Espírita que frequentavam, a evangelização infantojuvenil ocorria aos domingos. Nesse estudo, Tom sentia-se muito bem, desde o acolhimento com voz e violão feito pelo colega Antônio Nunes até a prece final. De fato, não faltavam a nenhum desses encontros edificantes.

No domingo, sua mãe trabalhava na recepção, acolhendo, respeitosa e fraternalmente, todos que para lá se dirigiam.

O pai de Tom continuava apreciando as palestras públicas dominicais, por isso era assíduo frequentador. No Caminhão, havia exemplares de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*



e de *O Livro dos Médiuns*, heranças de seu pai. Nas pausas para descanso, sobretudo à noite, lia e refletia sobre os ensinamentos de Jesus.

Num dia de reunião mediúnica, um médium vidente confirmou as presenças de Toyo e do Anjo da Guarda, Espírito protetor de Tom.

Toyo - Tonho, seu tio desencarnado ainda menino, se tornou visível, por momentos, para ele e, também, para sua mãe.

Através do médium, Toyo explicou que ficaria ainda algum tempo no Brasil, numa missão em Manaus e que depois voltaria para a Noruega, onde trabalharia por algum tempo na região dos fiordes.

Fazendo uma prece emocionante, ele despediu-se de todos, dizendo que estava feliz por encontrá-los ali, que continuassem estudando e aprendendo a seguir o caminho da verdade libertadora.

FINAL FELIZ

Naquela noite, antes de dormir, as cenas da reunião mediúnica associadas à visita de sua avó estavam firmes em sua memória. Reconhecia a importância para as mudanças de relacionamento com sua mãe. Dona Lia parecia agora muito mais feliz. Refletiu: *dois nomes, Tonho e Toyo, duas existências, um Espírito! Quanta aprendizagem! Vivendo e aprendendo.*

Pensou também em seu Anjo da Guarda e agradeceu-lhe por tudo. Já sonolento, fez um pedido:



- Meus amigos invisíveis, se vocês puderem, com apoio da Espiritualidade do Bem, sob as bênçãos de Jesus, ajudem-nos a fundar uma escola onde cedo possamos também compreender que somos espíritos imortais em evolução, de passagem por esse planeta. Que assim seja, graças a Deus.

Tom dormiu tranquilo, sentindo-se o menino mais feliz do mundo. Foi um sono só. Nem para fazer o famoso número 1, como a Escola denominava, ele acordou à noite.

Sonhou que Thor e Troll estavam num lugar tão lindo que ele não saberia descrever.

Ambos estavam preparando-se para vir ao Brasil, sendo a missão deles apoiar as pessoas que desejassem trabalhar com a Educação Integral do ser.

Perfil Bibliográfico da Autora



Maria do Socorro Gomes Barbosa

Professora desde os treze anos de idade, sua paixão foi sempre ensinar. Lecionou Língua Portuguesa e Língua Francesa nos principais colégios desta cidade. Depois, Língua Portuguesa e Linguística na UFPB e na UEPB (Guarabira).

Atualmente, prefere ser aprendiz, dedicando-se ao estudo da Doutrina Espírita. No entanto, não esquece um banho de neve na Alemanha, quando estudava o idioma desse país, no Instituto Goethe, em Iserlohn. Desse fato, resultou um poema **Minha primeira neve (Mein erster Shnee)**, publicado no Jornal da Escola.

Pratica natação, participa de campeonatos e coleciona medalhas, como nadadora máster. Depois

de aposentada, vem realizando seu sonho: escrever para crianças. Seu primeiro livro **A folhinha amarela e outras histórias de vovó Babi** foi publicado também no Canadá/Quebec (*La petite feuille jeune et autres histoires de mamie Babi-Editions eBook, 2004*). Toyo, o Menino Invisível é seu primeiro trabalho de ideologia espírita. Eis os títulos já publicados:

- A folhinha amarela e outras histórias de vovó Babi (Antologia: 9 contos)
- O príncipe Tanino e a princesa Belinha
- O jacaré apaixonado
- La petite feuille jaune et autres histoires de mamie Babi
- Rom-Rom, o ratinho feliz (Edição bilíngue: português-inglês)
- Mamãe Sabiá: uma páscoa feliz
- O balanço mágico
- Toyo, o Meino Invisível

Próximos lançamentos:

- Um Longo Caminho
- Toyo, um Menino Visível

Roteiro Geográfico da Noruega, segundo Toyo



Este livro pertence a _____

Local da Evangelização Infantojuvenil : _____

Data do início da leitura: _____

PRODUZIDO NAS OFICINAS DA GRÁFICA
A UNIÃO - SUPERINTENDÊNCIA DE IMPRENSA E EDITORA
BR 101 - KM 03 - DISTRITO INDUSTRIAL - 58.082-010
JOÃO PESSOA - PARÁIBA - BRASIL